



**SEGUNDO DOMINGO DA QUARESMA
07/03/2004**

1ª leitura (Antigo Testamento) - Gênesis 15: 1-12, 17-18.

O texto deste domingo encontra-se dentro do chamado "ciclo de Sara e Abraão" onde se conta teologicamente a saga desta família de pastores seminômades e sua importância para a fé israelita subsequente. A saga de Sara e Abraão tornou-se mais do que uma história popular uma chave hermenêutica para toda a fé de Israel. A partir da aliança feita entre Deus e este casal se entendeu toda a aliança chegando inclusive ao Novo Testamento (cf. v.6 e Rm 4; Gl 3:6s e Tg 2:23 e 11:31).

O texto em si é uma grande glosa onde, a partir da experiência de Sara e Abraão, busca-se dar sentido a outros eventos como a escravidão do Egito (cf. vers. 13-16 e Êx 1-15). Mesmo que estes versículos tenham ficado fora da leitura são o centro do texto e o sentido da memória da incerteza de Abraão quanto à descendência e a terra (v.3-12 e 17-18).

Acontece que os temores de Abraão não foram nunca só dele ou da sua família. Muitas vezes em Israel, especialmente no exílio quando esta glosa foi elaborada, houve dúvidas sobre as futuras gerações do povo, sobre a posse da terra para a vida do povo. Olhando para a fé de Abraão que acreditou na utopia divina (cf. vers. 6 e 18) todas as outras pessoas sentiam fortalecidas e seguras em acreditar que o mesmo Deus da Vida, Libertador e Misericordioso estaria com elas na adversidade e na construção das utopias divinas de paz e felicidade.

Um dos sentidos da Aliança, que é descrito neste texto, é o da resistência. Resistir é acreditar "apesar de..." como mostra o Salmo 27, como Jesus diante da ameaça da morte de Herodes (Lc 13:31). Muitas vezes a realização do projeto de Deus antes de nossa luta precisa de nossa resistência que evita a desistência e gera a persistência. (HMG).

2ª leitura (Epístola) – Filipenses 3.17 a 4.1

Vivemos hoje uma situação estranha para o cristianismo. Quase a totalidade das denominações cristãs brasileiras está sucumbindo a uma nova forma de pensamento que influencia fortemente a teologia. Esta nova forma de pensar acerca da Bíblia e de nosso relacionamento com Deus ficou conhecida como *Teologia da Prosperidade*. Esta "teologia", que surge nos Estados Unidos em torno da década de 50 e que é majoritariamente propagada pelo rádio, nos



atinge na década de 80 e agora assume proporções jamais vistas. Não é exagero dizer que até mesmo as denominações protestantes históricas estão fortemente influenciadas por essa forma de fazer teologia que é extremamente danosa para a saúde espiritual e, mesmo para a manutenção de nossa identidade enquanto igreja anglicana e enquanto igreja católica e protestante.

No texto que acabamos de ler, o apóstolo Paulo está dando prosseguimento a sua exposição crítica sobre os falsos mestres que surgiam na Igreja (3.2-10) e, depois de fazer algumas considerações acerca deles, tece agora alguns comentários sobre estes que ele chama de "inimigos da cruz de Cristo" (3.18). O que significa esta frase? O que ele queria dizer com isso? Para alguns comentaristas desse texto, e, de acordo com a visão da Igreja primitiva, a cruz de Cristo deve ser vista como o "porquê" e a "razão" do ministério de Jesus. Toda a sua vida apontava para este lugar, a "cruz", onde o "Cordeiro de Deus" seria imolado por nossos pecados. Ser inimigo da cruz é buscar outra saída, para se cumprir o plano de Deus, que não envolva dor, sofrimento ou privação. Inimigos da cruz de Cristo são todos aqueles que nos apontam o caminho mais fácil, o pináculo do templo, a glória, o reconhecimento popular, o sucesso, e não as dificuldades inerentes em se seguir o projeto de Jesus. Estes pregadores não amam a abnegação e o sacrifício, mas amam o mundo e o que no mundo há. Não amam a disciplina que nos leva a cumprir nossa missão e nosso dever de cristãos, mas amam os valores contra os quais a cruz prega. Pensando nisso, propomos hoje, como tema de nossa reflexão, a seguinte proposição: "Os inimigos da cruz de Cristo".

Pelo que podemos ver neste texto, os inimigos da Cruz de Cristo, possuem pelo menos três características:

Os inimigos da cruz de Cristo, em primeiro lugar, estão entre nós. Quando Paulo registra, no verso 18 que "muitos andam entre nós", ele está registrando que entre aqueles que se diziam mestres e que ensinavam na comunidade de Filipos, havia os que não queriam seguir o exemplo de Paulo (v.17). Estes, diz Paulo chorando (v.18), ou seja, com o coração quebrantado e coberto de dor, são inimigos da Cruz de Cristo e têm por destino a perdição. (v. 18-19). Nos versos seguintes Paulo descreve estes pregadores que são contados entre os ministros. Segundo o apóstolo aos gentios, o que é de mais marcante é que "o deus deles é o ventre" (19). Às vezes estranhemos que estas idéias, como nos diz Tillich em sua introdução à Teologia Sistemática, "com traços demoníacos", entrem em nossas comunidades. Não deveríamos estranhar, pois muitas vezes somos nós quem convidamos estes ministros para pregar em nossas paróquias.



Em segundo lugar, os inimigos da cruz de Cristo, só estão interessados no que possam consumir. Ao dizer que o deus deles está no ventre, Paulo está se referindo para sua inclinação em direção ao consumo. Esta expressão sugere que eles eram escravos da carne, glutões. Lembro da forma como os profetas se referiam a muitos que oprimiam os pobres no Antigo Testamento. Eles diziam que a gordura cobria seus olhos. Eles eram fartos, gordos e ricos. São desmedidos, intemperantes no que fazem. Comer é uma figura muito apropriada para descrever o consumo. Consumir, também pode significar devorar, comer sem medida. Os inimigos da cruz de Cristo são aqueles que estão envolvidos essencialmente com as sensações, com o prazer de consumir, de ter, de devorar. É interessante que quando M. Weber escreveu a *Ética Protestante e o espírito do capitalismo*, ele identificou a noção de acúmulo como uma das marcas de que éramos membros dos eleitos. Todos os filhos de Deus deveriam acumular. Hoje, parece haver uma releitura de Weber e uma nossa associação. Os filhos de Deus têm hoje, como principal marca, o consumo. Estes são os que Deus amam: eles só usam o melhor, só compram o melhor, só vestem o melhor, só comem o melhor. Eles não foram chamados para servir (aliás, esta palavra está fora do dicionário da prosperidade), eles foram chamados para dominar, para serem servidos, para conquistar, para exercer domínio sobre o mundo. Estes homens querem ser servidos, de preferência com uma mesa bem farta, e não servir.

Em terceiro lugar, os inimigos da cruz de Cristo, se deixam envolver com os valores da ideologia dominante. Eles só estão preocupados com as honrarias humanas, com os primeiros lugares. Não estão muito preocupados com o que pensa o Senhor da messe, mas com o que pensa a sociedade. Eles buscam títulos, diplomas, comendas. Eles querem ser vistos pelos homens, querem o sucesso, a aceitação pública a dignidade e a notoriedade. Dentre os seguidores desta "teologia" cresce o número daqueles que acreditam ser necessário eleger vereadores, deputados e senadores que queiram "transformar" o Brasil em um país próspero. O primeiro caminho para isso consiste em acreditar que Deus não nos chamou para "sermos calda, mas cabeça". Ou seja, não estamos aqui para servir, mas para dominar.

É minha convicção que a mensagem da cruz está em declínio na Igreja brasileira. Em seu lugar surge uma teologia da glória, uma mensagem de vitória e de dominação, de poder e de triunfo. Quanta diferença do exemplo dado por Jesus, que não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate de muitos! (JLFA)

Santo Evangelho: Lucas 13.31-35



Em sua origem este texto é composto por duas perícopes independentes e provenientes de diferentes tradições: uma composta pelos versos 31 a 33 (exclusiva de Lucas), e outra pelos versos 34 e 35 (também encontrada em Mateus 23,37-39). São Lucas coloca este texto no amplo contexto da subida de Jesus para Jerusalém (9,51 a 19,28), cujos relatos constituem a parte mais original de seu Evangelho. Podemos perceber a intenção de Lucas em orientar e preparar os leitores de seu Evangelho para os terríveis acontecimentos que ocorrerão em Jerusalém. Este texto é como que “um aperitivo” daquilo que será o derradeiro “banquete pascal”.

I – Herodes, os fariseus e o caminho (vs. 31 a 33): aqui é difícil dizer com exatidão o que se passava na cabeça de São Lucas ao compilar este texto:

- se ele queria demonstrar que o ministério de Jesus estava colocando em cheque a prática pseudo-religiosa dos fariseus que, por sua vez estavam tentando amedrontar Jesus ao dizer-lhe que Herodes queria matá-lo (tentando fazer uma ligação com o assassinato de João, o Batista, cf. Mt 14,1-12) para ver se Ele ia embora dali, ou

- se ele estava antecipando o futuro e derradeiro encontro de Jesus com Herodes ao demonstrar que este não queria levante ou subversão alguma em sua Tetrarquia (“quarta parte” da herança de seu pai (Herodes, o Grande) que abrangia as regiões da Galiléia e da Peréia) e, por isso, estava espalhando boatos para afastar “profetas indesejáveis” de seu território tentando evitar mais incômodos. Herodes Antipas (governou entre 4 aC e 39 dC) foi intencional e pejorativamente chamado por Jesus de *raposa*, apelido popular que fazia referência a “pessoas astutas” (tal qual o animal) ou, em alguns casos, usado como sinônimo de inutilidade ou oportunismo.

Entretanto, Jesus não se deixa amedrontar e nem se abalar por qualquer que sejam as intenções de seus adversários e prossegue firme e convicto sua missão realizando curas e exorcismos. Sua tarefa somente será concluída no “terceiro dia” (expressão judaica para significar curto espaço de tempo; momento que chegará em breve), apesar de Jesus indicar que precisa “caminhar hoje, amanhã e depois” (ênfatizando o dia-a-dia, o passo-a-passo do “caminho que se faz caminhando”) e que Seu objetivo continua sendo Jerusalém, destino de todo o profeta verdadeiramente profeta (aquele que assume sua missão até o fim).

II – Jerusalém e “a galinha que ajunta os pintinhos” (vs. 34 e 35): provavelmente São Lucas incluiu aqui esta seção dada a sua conexão com o fato anterior, além de reafirmar o local onde Jesus devia morrer (9,31). Apesar de Jerusalém significar “cidade da Paz” (e hoje ser a Cidade Santa para judeus, muçulmanos e cristãos), Jesus bem sabia de sua perversidade e fama de assassina de profetas e mensageiros (II Rs 21,16; Jr 26,20-23). Mas isso



não o amedronta nem o desanima, ao contrário, faz com que Ele tenha grande compaixão e imensa misericórdia dos seus moradores a ponto de “tentar ajuntá-los embaixo de suas asas” como a galinha faz para proteger os seus pintinhos. Para cumprir com êxito sua missão Jesus demonstra que tem suficiente paciência e infinito amor para salvar todos as pessoas pecadoras, pois Seu desejo é que ninguém se perca (II Pe 3,9). Entretanto, este caminho também é de duas mãos: por uma via Jesus oferece gratuita e amorosamente a salvação e, por outra, a pessoa que deseja ser salva deve, desde o momento do encontro com Jesus em diante, “buscar o Reino de Deus e a sua Justiça” (Mt 6,33).

Desafio quaresmal: para aproveitar melhor este tempo de quaresma “em deserta solidão” (Hino 45), por que não demonstrar nosso verdadeiro e sincero acolhimento Àquele “Bendito que vem em nome do Senhor” buscando nas ruas, nas praças, nos presídios, nos albergues, nas favelas, etc, aquelas pessoas pobres, desamparadas, desiludidas e desanimadas para anunciar-lhes, com fé e amor, a salvação de Jesus Cristo? Quem sabe algumas pessoas e/ou sodalícios possam se dispor a exercer a diaconia comunitária através de trabalhos que resgatem a cidadania, a auto-estima e promovam a dignidade humana levando aos carentes algum sinal transformador para suas vidas e que lhes garantam melhores condições de sobrevivência? Por que não? Se assim fizermos, com certeza poderemos rezar com muito vigor e autenticidade: “Bendito Aquele que vem em nome do Senhor!” (RH)